

Aquilo que um dia fomos e aquilo que hoje somos¹

*Flávia Marcarine Arruda²
Thayla Fernandes da Conceição³*

Apresentação

Quando analisamos uma determinada cultura, como convivem o considerado “novo” e o considerado “velho”? Como se sustentam as tradições em meio a tantos processos socioeconômicos que as forçam a conviver com novas práticas?

Em termos de teoria antropológica poderíamos responder que as tradições são reforçadas pelas novas práticas ocasionadas, por exemplo, pelos processos de globalização, em função de sua insistência pela sobrevivência. Poderíamos ainda afirmar, como outra hipótese, que as tradições são quase que completamente tomadas por novas práticas, tornando-se obsoletas frente a um “novo mundo”, a novas necessidades humanas.

No plano imagético, porém, e acima de qualquer teoria científica, o que verificamos é um belo contraste que quase denuncia uma convivência harmônica entre os dois lados. O “novo” e o “velho” se encontram, ou mesmo entram em processo de simbiose, para denunciar uma grande riqueza cultural, uma identidade bem complexa. Estas reflexões se tornaram ainda mais fortes durante uma visita a um país cuja cultura é milenar: a China.

Neste ensaio buscamos retratar estes contrastes que, aqui refletidos em fotografias, passam por nossos olhos sem parar, a partir do plano cultural: hábitos alimentares, vestimentas, arquitetura, modos de fazer e de agir. Nota-se que estes contrastes são oriundos, sobretudo, da importação da estética ocidental. Esse processo de importação do “novo” justifica-se pela

¹ Fotografias digitais, feitas com as câmeras Nikon D60 e Nikon D3100.

² Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com ênfase em Teoria, Estética e História da Arquitetura, e trabalha com pesquisa na área. Dedicar-se também à produção fotográfica, participando do registro de eventos e produções autorais.

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e em Direito pela Faculdade de Direito de Vitória (FDV), dedicando-se atualmente ao campo da Sociologia da Arte e da Cultura. Paralelamente dedica-se à produção fotográfica, realizando trabalhos autorais.

inserção da China no contexto de intercâmbio cultural e dinamismo das mudanças e mostra como o país pretende afirmar-se uma potência turística e econômica.

A combinação das tendências tradicionais e novas aparece como algo de que muitos chineses se orgulham, porém, sabe-se que a China carrega o desafio de não perder a tradição, o que significaria um futuro perdido. Um exemplo desta questão são os *Hutongs*, bairros antigos de Pequim. Eles são a memória da cidade e sofrem ameaças de destruição em favor do recente processo de urbanização chinês, e o mesmo vale para as Vilas tradicionais de Shanghai. Semelhante problemática referente à preservação do patrimônio histórico também é perceptível em nosso país.

Este ensaio fotográfico, feito com base, principalmente, em montagens de imagens, tem como objetivo demonstrar que a possibilidade de mudanças culturais, ocasionadas pelo “choque” entre *aquilo que um dia fomos e aquilo que hoje somos*, não precisa ser recebida como algo negativo, mas sim como algo que faz parte da inconstância de complexas identidades que estão sempre em processo de transformação. Utilizamos o exemplo da paisagem de grandes cidades chinesas como recorte de uma problemática visualizada – ainda que de formas diferentes – em qualquer grande metrópole.

















